Interação verbal

Versão preliminar

Maria da Conceição Passeggi[1]

Introdução

Neste trabalho, focalizamos um dos capítulos de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin, M. (Volochínov), 1929/1985) - "A interação verbal" – por ter inspirado numerosos trabalhos sobre as interações sociais, no campo das ciências sociais e humanas. Não se trata de fazer um inventário da reflexão de Bakhtin, pois fica claro que a fecundidade do seu pensamento, em inúmeras passagens do nosso texto, mereceria ser mais longamente discutida. Desejamos apenas tecer comentários pontuais sobre aspectos que consideramos particularmente relevantes para o estudo da linguagem como atividade social. Essa perspectiva nos interessa na medida de suas implicações sobre princípios e métodos que fundamentam a compreensão/explicação de processos relativos à aquisição e desenvolvimento da linguagem, sobre os quais trabalhamos no momento.

Nossa exposição está organizada em torno dos seguintes temas: interação e intersubjetividade; a fala como base da evolução da língua; a metodologia para o estudo da linguagem; a natureza da língua.

A importância de retomarmos freqüentemente os textos fundadores justifica-se pela crença de que a cada releitura podemos redimensionar nossa reflexão sobre princípios teóricos e metodológicos que orientam nossas pesquisas, reconstruir um problema ou simplesmente iluminar aspectos que tenham passado despercebidos.

1. Interação e intersubjetividade

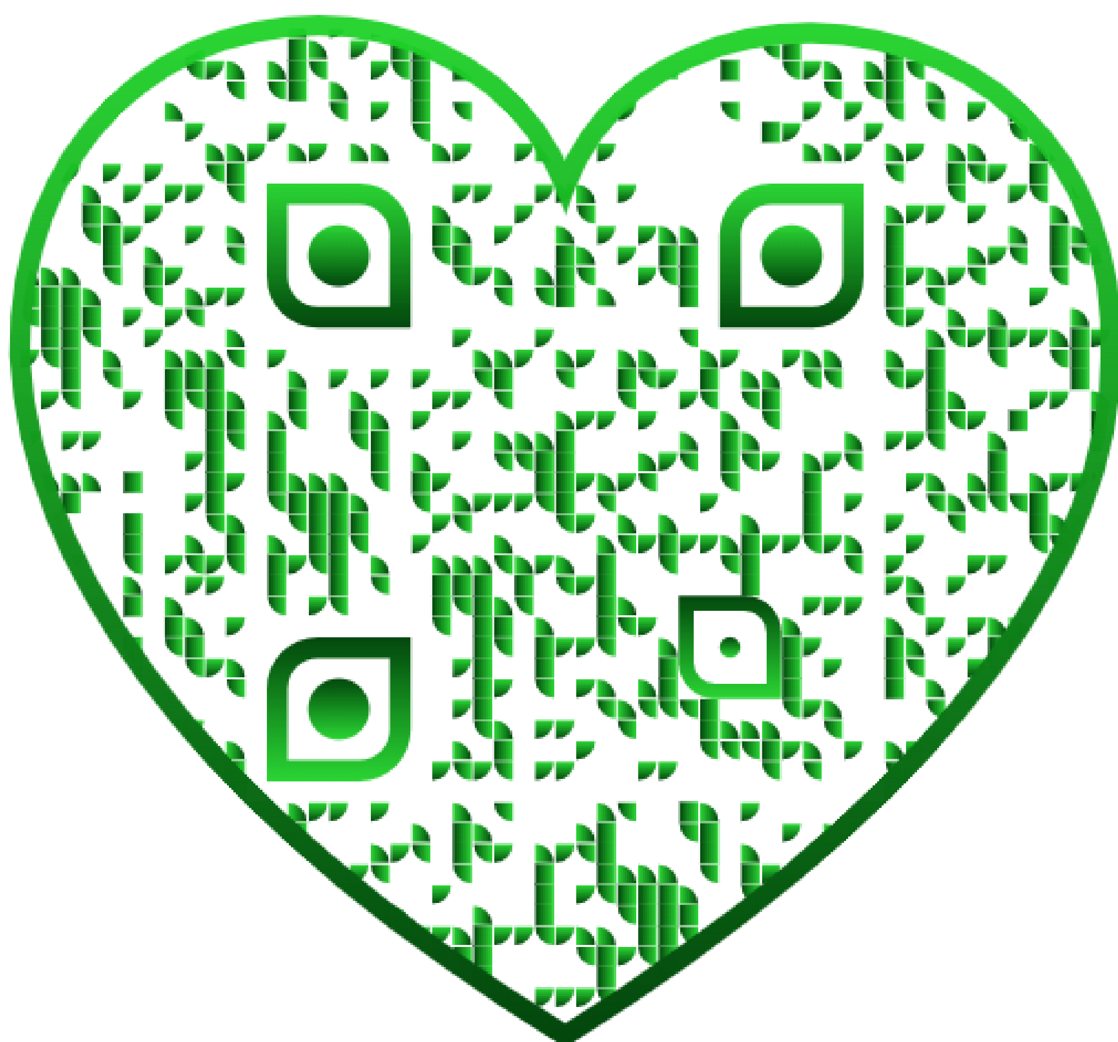
A interação verbal, tal como é concebida por Bakhtin, evidencia o lugar central ocupado pela linguagem na organização social. Do ponto de vista lingüístico, Bakhtin demarca sua perspectiva situando entre a língua e a fala o ato de enunciação. Este passa a ser entendido não como ato individual de utilização da língua, mas como ato social: "A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados" (ib.p.112). Nesse sentido, a enunciação compreende, ao mesmo tempo duas dimensões:

a) a da atividade mental do locutor, inerente à produção de um ato de fala (expressão interior de um pedido, uma súplica, um protesto, etc.);
b) a da materialização deste ato de fala numa situação concreta de comunicação social (expressão exterior, produzida no processo de interação).

"Em conseqüência, todo itinerário que leva da atividade mental ("conteúdo a exprimir") à sua objetivação externa (a "enunciação") situa-se completamente em território social" (ib.p.117). É através da *palavra* que se realiza a síntese dessas duas dimensões. Mas é preciso compreender que a palavra, como todo signo portador de significação (gesto, imagem, som), é um fenômeno socialmente construído. Por essa razão, ela "não deve ser entendida apenas como reflexo, uma sombra da realidade, mas como um fragmento material dessa realidade" (ib.p.33), funcionando como signo ideológico. Um dos interesses em conceber a palavra como fenômeno externo, material, ideológico é o de firmar duas teses: a primeira é a de que "a enunciação é de natureza social" , sua complexidade deve-se às exigências de adequabilidade ao contexto imediato e aos interlocutores concretos. A segunda é a de que "a consciência individual é um fenômeno sócio-ideológico" (ib. p.35):

> *"A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo*

[1] Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN



itinerário que leva da atividade mental (o "conteúdo a exprimir") à sua objetivação externa (a "enunciação") situa-se completamente em território social"(ib.115).

Nesse sentido, uma das contribuições mais originais de Bakhtin é a de conceber a enunciação como processo de compreensão ativa e responsiva, como réplica a enunciações anteriormente produzidas.

"A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão" (ib. p. 132)

Na enunciação (expressão interior e exterior) incorporamos a fala do outro. As operações verbais, relativamente complexas, que nos permitem assimilar, rejeitar, reformular, integrar o ato de fala do outro estão na base do processamento da informação e da construção da significação na e através da linguagem. Por essa razão, nenhum ato de enunciação é iniciativo ou conclusivo, mas um *elo* na cadeia ininterrupta da interação verbal.

Porém se permanecermos apenas na observação da ação reversiva da fala, no interior do ato individual do locutor, não poderemos esgotar a análise da enunciação enquanto produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, pois "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor" (ib.p.113). De modo que a palavra surge na interação tanto como *arena* (nas relações de poder), quanto como *território comum* (nas relações de cooperação). "Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém" (ib.). O locutor só é proprietário da palavra no ato psico-fisiológico da materialização do som ou da escrita. A partir daí saímos do âmbito da produção da fala para o da compreensão da significação pelo interlocutor, percebido então como locutor em potencial. De modo que, na interação, o foco desloca-se de maneira intermitente, ora sobre o locutor, ora sobre o interlocutor, realçando seus papéis sociais, suas "visões de mundo" como fatores determinantes para a produção e compreensão dos atos de fala.

A significação de uma palavra não pode, portanto, ser jamais percebida como algo totalmente (pré)determinado: ela só se constrói na e pela interação verbal, através da negociação intersubjetiva (entre sujeitos). "Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva" (ib.p.132). Pela enunciação, entendida como atividade social, estabelece-se a relação intersubjetiva - constitutiva da linguagem verbal - como ação bilateral entre indivíduos em inter-ação.

A negociação caracteriza-se, aliás, como um dos traços específicos da comunicação humana. Elemento de passagem da história natural para a história social do homem, ela está presente em toda inter-ação verbal como marca dessa evolução. Mesmo na expressão mais banal, o ato de fala é socialmente dirigido e determinado da maneira mais imediata pelos participantes e suas percepções. A palavra deve "adequar-se" ao(s) outro(s). De modo que o mesmo conteúdo proposicional (estar faminto) pode se realizar sob a forma de diferentes atos de fala: uma solicitação ou um protesto, uma súplica ou uma ameaça, dentro de um estilo formal ou simples, inspirado pela segurança, timidez ou temor, etc.

"A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor, variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no figurado" (p.112).

É pela enunciação e em função da interação com o(s) outro(s) que se realiza a tomada de consciência pelo sujeito. Este oscila entre dois pólos: o da *atividade mental do eu* e o da *atividade mental do nós*. A atividade mental do eu tenderia a enfraquecer a orientação social, prejudicando sua modelagem sócio-ideológica e, conseqüentemente, o

grau de consciência, aproximando-a, segundo Bakhtin, da reação fisiológica do animal. Na atividade mental do nós, o grau de consciência seria diretamente proporcional ao grau de organização social do grupo no qual o indivíduo interage. Quanto mais organizada e diferenciada for a coletividade “mais distinto e complexo será seu mundo interior” (ib.p.115). A atividade mental do nós compreende diferentes níveis de elaboração ideológica.

Por essa razão, os estratos mais profundos da forma e do estilo estão determinados pelas pressões sociais às quais o locutor está submetido numa situação de enunciação específica. Mesmo quando se estuda a enunciação no estágio *virtual* de seu desenvolvimento, “na alma”, não se alteraria “a essência das coisas, já que a estrutura da atividade mental é tão social como a sua objetivação exterior” (ib.p.114). Num artigo publicado no mesmo ano, “A construção da enunciação” (Bakhtin (Volochínov), 1929/1998), o autor considera que mesmo na fala interior a enunciação está socialmente orientada para o ouvinte. Ele sugere que cada um de nós pode verificar “esse condicionamento social, inclusive diremos mais precisa e francamente, esse condicionamento da classe ” (Bakhtin,1998, p.50). Quando devemos tomar uma decisão e não sabemos qual a melhor solução, a nossa consciência divide-se em duas *vozes* e uma delas sempre coincide com as opiniões e valorações da classe social à qual pertencemos, independentemente de nossa vontade e de nossa consciência. Essa “voz social” na fala interior interpõe-se contra qualquer interpretação que possa reduzi-la a um psiquismo individualista.

A enunciação caracteriza-se pela *polifonia*. A(s) voz(es) do(s) outro(s) ou de outrem (indefinido e vago) infiltra(m)-se na enunciação e pela enunciação. Ao retomá-la(s) em nossa fala (exterior ou interior) somos obrigados a nos posicionar face a ela(s). É nesse sentido que podemos dizer que nos construímos e construímos irremediavelmente a nossa percepção da realidade, na interação verbal, em estreita relação com um interlocutor ideal (representativo, padrão), que se interpõe entre nós e o mundo, a partir de situações de comunicação, realizadas dentro de um grupo socialmente organizado.

A perspectiva bakhtiniana de enunciação amplia a concepção tradicional da subjetividade nos estudos da linguagem. A subjetividade até então ancorada na pessoa do locutor, considerado como o centro organizador da fala, amplia-se na direção do outro. A noção de intersubjetividade instala-se, então, como princípio organizador da interação verbal, pelo viés da enunciação, concebida como fenômeno social.

2. A fala como base da evolução da língua

Bakhtin define a *ideologia do cotidiano* como “a totalidade da atividade mental centrada na vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga” (Bakhtin,1985, p.118). Focalizamos, aqui, a importância que é dada pelo autor à relação que se estabelece entre a nossa atividade mental e a fala que a acompanha, nas práticas sociais cotidianas, como base para a evolução da língua. A ideologia do cotidiano corresponde ao domínio da fala interior e exterior, desordenadas e ainda não fixadas num sistema. Essa ideologia acompanha “cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (ib), sendo, portanto, distinta dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc.

Ela se efetiva em diferentes níveis. Num nível inferior, Bakhtin coloca “todas as atividades mentais e pensamentos confusos e informes que se acendem e apagam na nossa alma, assim como as palavras fortuitas ou inúteis, [nesse casos estaríamos] diante de abortos da orientação social” (ib.p.120). Nos níveis superiores, realizam-se os pensamentos elaborados, socialmente orientados, mais estáveis. Esses últimos níveis, mais sensíveis às mudanças sociais, estão em contato direto com os sistemas ideológicos constituídos e se caracterizam pela responsabilidade e criatividade da fala. As mudanças sociais encontram suas primeiras expressões e sua elaboração ideológica nos níveis superiores, antes de se infiltrarem nas instituições ideológicas constituídas: a imprensa, a literatura, a ciência.

> *“Aí situaremos igualmente as palavras, as entoações e os movimentos interiores que passaram com sucesso pela prova da expressão externa numa escala social mais ou menos ampla e adquiriram, por assim dizer,*

um grande polimento e lustro social, pelo efeito das reações e réplicas, pela rejeição ou apoio do auditório social" (ib. p. 121).

A fala que se realiza nesses últimos níveis é um elemento ao mesmo tempo motor e sistematizador das mudanças sociais e, em conseqüência, responsável pela criação e evolução da língua. É pela "fricção da palavra" contra a palavra do outro que a língua adquire lustro social e estabilidade. No entanto, essa estabilidade é ilusória, pois ao sofrer influências das mudanças sociais, a língua constitui-se ao mesmo tempo condição dessa evolução. Os sistemas ideológicos constituídos só se mantém vivos se forem constantemente (re)avaliados pela "ideologia cambiante" do cotidiano. Rompido esse vínculo, a ideologia constituída deixa de ser apreendida como ideologia significante.

Mas em que medida a interação verbal, no dia-a-dia, contribui para a evolução da língua? Nas situações de comunicação "típicas da vida corrente": conversas "de salão", "entre marido e mulher, irmão e irmã", "quermesses populares", "conversas dos operários", etc., Bakhtin focaliza as *fórmulas estereotipadas* que se constróem "nas relações que se travam nos hotéis, nas fábricas", modeladas "pela fricção da palavra contra o meio extraverbal e contra a palavra do outro" (ib. p.125). Essas fórmulas refletem "ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo"(ib.p.126).

Bakhtin constata o interesse despertado pelo diálogo na Rússia e Alemanha e admite que "algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em lingüística" (ib. p.145). No entanto, para o autor, o estudo fecundo do diálogo deveria incluir a forma como o receptor retoma as palavras do outro, na sua própria enunciação. Essas operações são freqüentes nos discursos direto, indireto e indireto livre, e mais elaboradas na escrita. Elas são estudadas, por Bakhtin nos últimos capítulos de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (cf p.137-196).

Em publicação anterior - "Além do social" (Bakhtin, M. Volochínov, 1925/1998) -, Bakhtin, ao questionar os métodos de investigação utilizados pela psicanálise freudiana, refere-se ao diálogo entre médico/paciente como uma "relação privada entre dois indivíduos" que dá ao freudismo "o esquema de todas as suas construções" (ib.p.50). Em várias passagens, ao comentar as "relações complexas entre o médico psiquiatra e seu paciente neurótico", ele chama a atenção para o fato de que esses diálogos são um "mini-fato social", que se realizam num "mini-universo social caracterizado por seu estilo particular de luta" (op. cit. p.112). Essas observações parecem indicar que as ações interpessoais isoladas não deviam ser vistas como elementos motores e sistematizadores da evolução da língua. O seu interesse em ancorar a enunciação numa cadeia ininterrupta é de fato o que lhe permite colocar-se contra o subjetivismo individualista e evitar conceitos vagos e míticos tais como "alma coletiva", "espírito do povo", etc. "A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes" (Bakhtin, 1985, p.147).

Somente nos níveis superiores da ideologia do cotidiano, é que se consolidam as cadeias ininterruptas de criatividade e compreensão ideológicas. Sua ação reversiva se estenderá de consciência individual em consciência individual, sem jamais se romper, na seqüência de um processo histórico de socialização das condutas humanas, que se tornou possível graças à emergência e ao desenvolvimento dos instrumentos semióticos, entre os quais a linguagem natural.

3. Uma metodologia para o estudo da linguagem

Um dos princípios básicos da perspectiva bakhtiniana é que a língua vive e evolui sócio-historicamente. Decorre daí, o interesse de se estudar a linguagem obedecendo-se a uma ordem metodológica que parta da realidade das formas concretas da língua em uso e siga na direção das formas abstratas, considerando-se as seguintes etapas como um programa de investigação. Em primeiro lugar devemos estudar "as formas e tipos de interação verbal em relação com as condições concreta em que se realizam; em seguida "as formas das distintas enunciações em ligação estreita com a interação das quais se constituem elementos" , e a "partir daí, é que se faz o "exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual" (ib.p.124)

Essa ordem permite apreender os fenômenos lingüísticos na sua permanente evolução. Pois, primeiramente, as relações sociais evoluem em função da infra-estrutura social. No quadro dessas relações, a comunicação e as interações verbais se modificam. Em conseqüência dessas modificações, as formas dos atos de fala evoluem. Finalmente, essas transformações refletem-se nas formas da língua alterando-as.

Para evitar os erros da lingüística e da filosofia não-sociológicas, Bakhtin julga indispensável observar as seguintes regras:

1. "Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da "consciência" ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas de comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura)" (ib.p.44)

Para Bakhtin, faltava à lingüística uma análise que considerasse as *unidades reais* da cadeia verbal. Essas unidades de análise são as enunciações (enunciados, textos), compreendidas como produtos de atos de fala, realizados em situações concretas entre indivíduos socialmente organizados. Em suma, sua proposta é a de uma lingüística transfrástica.

> *"O problema das enunciações consideradas como um todo adquire uma enorme importância. Já indicamos que o que falta à lingüística contemporânea é uma abordagem da enunciação em si. Sua análise não ultrapassa a segmentação em constituintes imediatos. E, no entanto, as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações"* (ib.p.121-125).

4. A natureza da língua

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin discute "o papel da língua, como realidade material específica da criação ideológica" (ib. p.25), preenchendo, assim, uma lacuna deixada, até então, no domínio da filosofia da linguagem, por uma análise marxista que estabelecesse a estreita relação entre fala e ideologia. Trata-se de responder ao seguinte problema: "*como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação"(ib. p.41). O que lhe parecia haver dificultado essa tarefa era o fato de se haver reduzido os problemas ideológicos às particularidades do psiquismo. Para demonstrar que "a consciência individual é um fato sócio-ideológico", o autor, analisa criticamente duas correntes dominantes nos estudos lingüísticos não-sociológicos: o objetivismo abstrato (centrado na língua) e o subjetivismo individualista (centrado na fala como ato individual) e propõe então uma terceira via (centrada na enunciação como interação social). Nesse percurso, ele coloca, conforme sugere o subtítulo do livro, *problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, cujo programa de investigação resumimos anteriormente.

Para fundamentar sua tese, era necessário isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo. As soluções propostas, até então, pela lingüística e a filosofia da linguagem, orientavam-se em duas direções diametralmente opostas. A primeira, o subjetivismo individualista, estudava o ato de fala como um ato de criação individual. A segunda, o objetivismo abstrato, representada pela escola lingüística de Saussure, privilegiava o culto à forma fixa, ao racional ao "imutável". Isolava como objeto de estudo a língua (*"langue"*) enquanto sistema, excluindo, da análise, a fala "individual" (*"parole"*). Desse ponto de vista, a língua, convencional, arbitrária e independente da ideologia, impunha-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, que ele só podia aceitar como tal. Mas é sobretudo com relação ao subjetivismo individualista que Bakhtin vai se contrapor, no capítulo sobre a interação verbal. Ele começa lembrando a ligação dessa corrente com o Romantismo, ressaltando que esse movimento surge como reação ao poder cultural da palavra estrangeira e contra o domínio que ela exerceu sobre as categorias do pensamento. A alusão tem por objetivo realçar a contribuição dos românticos, como 'filólogos da língua materna', e criticar as pesquisas desenvolvidas pelos filólogos-lingüistas sobre as línguas indo-européias, ressaltando que suas conclusões resultavam de estudos realizados sobre *línguas mortas-escritas-estrangeiras*, sobre "formas petrificadas". Assim,

os românticos teriam sido os primeiros a refletirem sobre a "língua materna, considerada como meio de desenvolvimento da consciência e do pensamento" (ib.p.110). A crítica de Bakhtin ao subjetivismo idealista deve-se ao fato de ter essa corrente refletido sobre a língua tomando a *enunciação* como um ato *monológico*, ou seja, como a expressão da consciência individual (seus desejos, crenças, intenções, impulsos criadores), divorciada da dimensão social (intersubjetiva). Essa perspectiva isolava o *conteúdo* (pensamento interior) de sua *objetivação exterior* (verbalização), dando primazia ao interno sobre o externo. Para essa vertente, tudo o que era essencial procedia do interior. A linguagem, nesse caso, seria apenas um receptáculo do conteúdo do pensamento. E como a língua tem regras estranhas ao pensamento, o conteúdo a ser expresso poderia ser por ela modificado. "Por isso o idealismo, que deu origem a todas as teorias da expressão, engendrou igualmente teorias que rejeitam totalmente a expressão, considerada como deformação da pureza do pensamento interior" (ib. p.111). A título de ilustração, retomemos um enunciado típico do romantismo idealista *"Oh, se pelo menos alguém pudesse exprimir a alma em palavras!"*[2] para contrastá-lo com a essa afirmação de Bakhtin: *"Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado* (o gesto, a palavra, o grito), *a consciência é uma ficção"* (ib. p.117-118).

A *teoria da expressão* sobre a qual se fundamenta o subjetivismo individualista é, segundo Bakhtin, radicalmente falsa, pois, para ele, o *conteúdo* e sua *objetivação* são formados por um único e mesmo material:

> *"não existe atividade mental sem expressão semiótica (...) o centro organizador não se situa no interior mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a* expressão que organiza a atividade mental, *que modela e determina sua orientação"* (ib. p.112).

A ação da expressão exterior sobre a atividade mental inscreve-se no centro das preocupações de Bakhtin. "Uma vez materializada a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida mais estável" (ib.p.118). De fato, Bakhtin adota uma orientação *monista* que opera a síntese dialética entre o pensamento e a linguagem, "entre o individual e o social, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado" (Jakobson, 1985, p.10).

Para Bakhtin nem o individualismo subjetivista, nem o objetivismo abstrato em suas concepções dão conta da verdadeira natureza da linguagem. Tentamos sintetizar no Quadro 1 a percepção de Bakhtin sobre essas duas perspectivas não-sociológicas e perspectiva do próprio autor, como solução sociológica para o estudo da linguagem.

[2] Fiet citado por Bakhtin em nota de rodapé, ib.p.111.

Subjetivismo idealista/individualista	Objetivismo abstrato	Perspectiva sociológica – Proposta por Bakhtin
1. "**A língua** é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção ("energia"), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala" (Bakhtin, 1985, p.72)	1. "**A língua** é um sistema estável, imutável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta" (ib.p.82)	1. **"A língua** como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua" (ib.p.127). "***A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social***. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo "individual") é uma *contraditio in adjecto*" (p.127.).
2. "**As leis da criação** lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual" (ib.).	2. "**As leis da língua** são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior d''e um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva" (ib.).	2. "**As leis da evolução** lingüística não são de maneira nenhuma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas das atividades dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente *leis sociológicas*" (ib).
3. "**A criação lingüistica** é uma criação significativa, análoga à criação artística" (ib.).	3. "As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros).Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e o sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico" (ib.).	3. "**A *criatividade* da língua** não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*" (ib).
4. "A língua, enquanto produto acabado ("ergon"), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado.". (ib. p. 73). .	4. "Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações, ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente esses atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si"* (ib.p.83)	4. "A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores* . A sua evolução, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se "uma necessidade de funcionamento livre", uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada" (ib).

Quadro 1. A linguagem e suas abordagens, Bakhtin, 1985

Considerações finais

Quais as possibilidades de estabelecermos paralelos entre os itens aqui abordados, a compreensão da linguagem como atividade verbal e suas implicações para o estudo dos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem?

No primeiro item deste trabalho, retomamos a noção de interação verbal como fenômeno social. Na atividade verbal (fala), a palavra é percebida como uma arena ou como um território comum partilhado por sujeitos socialmente organizados. Procuramos evidenciar a noção de intersubjetividade (interior e exterior) e sua importância para o processo de construção do sujeito e de sua percepção do mundo. A significação realiza-se a partir de um universo de conhecimentos ou imagens aos quais os interlocutores reagem: imagem/conhecimento de si, dos outros ou da situação. É nesse sentido que a interação verbal interessa tanto ao lingüista, quanto ao psicólogo e ao educador.

Esse imaginário simbólico, que se coloca como pano de fundo da interação verbal, pode ser apreendido em termos de ideologia (na perspectiva sociológica de luta de classes), de apropriações cognitivas, de representações sociais, mentais ou de pulsões, de acordo com os objetivos, interesses e processos metodológicos adotados por uma determinada perspectiva teórica, que ilumina diferentemente os mesmos aspectos da interação verbal. Por essa razão, cada uma delas tem suas implicações ao explicar a atividade de linguagem nos seus processos de aquisição e desenvolvimento.

No âmbito da psicologia soviética, sabemos que a linguagem, na sua dimensão interativa, ocupou um lugar central nas pesquisas desenvolvidas por Vygotsky e seus seguidores, contemporâneos de Bakhtin. Esses estudos comprovaram, a partir de dados empíricos, a importância da linguagem nas relações intersubjetivas para o desenvolvimento cognitivo da criança. Do ponto de vista da psicologia da linguagem, qual seria então o interesse da leitura desse capítulo para a para as investigações sobre as interação verbal adulto/criança, criança/criança? Uma das observações feitas por Bronckart (1996), sobre os estudos de Bakhtin e Vygotsky, concerne à escolha da unidade de análise feita por esses pensadores para estudar a linguagem. Enquanto Vygotsky havia se fixado no estudo da palavra, Bakhtin buscava apreender o funcionamento da linguagem a partir de grandes volumes verbais: a enunciação, os textos. Lembremos que para Bakhtin

> *"Aprender a fala é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e menos, é obvio, por palavras isoladas) (...) aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero, e ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato(..) pressentir-lhe o gênero"*(Bakhtin, 1992, p. 302).

Por outro lado, Bakhtin insiste sobre "a reação da palavra à palavra". A atividade responsiva implica procedimentos verbais, relativamente complexos (modalização, apagamento, reformulações, etc.) de modo que, implícita ou explicitamente, incluímos outras *vozes* em nossa fala.

C. Coll (1994, p.100-113) lembra, por exemplo, que na interação adulto/criança pequena o ajuste mútuo se faz com mais facilidade do que com crianças maiores. No primeiro caso o papel do outro parece melhor definido e as investigações têm obtido melhores resultados. O mesmo não se pode dizer com relação a interação adulto/crianças maiores, cuja atividade verbal é bem mais complexa, pois elas já detém uma experiência lingüística mais significativa. A hipótese é que abordagens inspiradas nos estudos de Vygotsky podem ser complementadas pelas propostas de Bakhtin para o estudo do funcionamento da interação verbal (cf. Bronckart, 1996).

No item 2, discutimos a importância da fala como base para evolução da língua. Dois aspectos nos parecem importantes para nossos propósitos. O primeiro concerne o papel da fala *elaborada*, produzida nos níveis superiores, como elemento motor e sistematizador da expressão verbal. É a ela que, segundo Bakhtin, se deve a evolução da língua. A questão merece ser discutida no âmbito da aquisição da linguagem, pela

importância do impacto da expressão exterior na atividade cognitiva da criança e sugere que observemos as relações adulto/criança, criança/criança em situações naturais de comunicação. O segundo é o interesse pelo estudo da "língua viva", amplamente defendido por Bakhtin. A sua perspectiva ganha em amplitude quando a aproximamos dos estudos realizados pelas correntes interacionista (cf. MEAD, G. H. *L'esprit, le soi et la société,* Paris:PUF, 1934/1963), que se desenvolveram no campo, da antropologia, da entnolingüística, da etnografia, da filosofia da linguagem, etc.

No item 3, comentamos que a importância da interação verbal, no processo de evolução da língua, impõe uma nova metodologia para o estudo da linguagem. Observamos que o programa de investigação sugerido por Bakhtin subverte completamente a ordem dos procedimentos metodológicos adotados, tradicionalmente, pela lingüística não-sociológica. Essas investigações consideram os signos dentro de um sistema fechado e buscam estabelecer as suas inter-relações, partindo sempre de unidades menores para unidades mais complexas, situadas nos níveis superiores (fonemas, palavras, frases). Como sabemos, essa orientação está na base dos primeiros estudos em psicolingüística sobre a aquisição da linguagem, que se desenvolveram na seqüência dos estudos realizados por N. Chomsky, no início dos anos sessenta. A inversão da ordem, no tratamento dos fenômenos lingüísticos, proposta pelo método sociológico, sugere que partamos das situações de interação reais e observemos a seqüência que vai das unidades concretas para as abstratas. Esse método tem repercussões importantes para a compreensão de questões subjacentes aos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Ele conduz a abordagens que devem tomar como unidade de análise não mais frases isoladas mas a enunciação, o texto sem desvinculá-lo da situação concreta na qual ele é produzido e apreendido. Essa inversão permite, por um lado, valorar a língua (oral/escrita) e suas manifestações em diferentes gêneros textuais, e por outro lado, incorporar as dimensões semântica e pragmática para explicação dos fenômenos verbais.

O foco em unidades maiores que a frase (texto, discurso), como sugeria Bakhtin, conforma-se às preocupações atuais da psicologia da linguagem, da lingüística e de suas inúmeras correntes, visando analisar as articulações dos enunciados no contexto imediato e com outros textos (intertextualidade, interdiscurso). Percebe-se a oposição de Bakhtin a uma representação da língua não é apenas um construto teórico abstrato, que se atualiza em uma enunciação monológica, ou no ato psicofisiológico da sua produção, mas que a sua verdadeira substância é o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. "A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua". (Bakhtin, 1985, p.123).



Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da linguagem**, São Paulo: Hucitec,1995.

_____________ La construccion de la enunciacion. In: BAJTIN, Mijaíl e VOLOCHÍNOV, V.N. **Que es el lenguaje? La construccion de la enunciacion. Mas alla de lo social. Un ensayo sobre la teoria freudiana**. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1998, p.43-78.

BAKHTIN, Mikhail, **Estética da criação verbal**. São Paulo:Martins Fontes, 1992.

BRONCKART, Jean-Paul. **Activité langagière, textes et discours**. Lausanne-Paris: Délachaux et Niestlé, 1996.

COLL, C.S. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GILLET, Grant e HARRÉ, Rom. **A mente discursiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

JAKOBSON, Roman. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail**. Marxismo e Filosofia da linguagem,** São Paulo:Hucitec, 1995,p.9-10.

MEAD,G. H. (1934) **L'esprit, le soi et la société**, Paris:PUF, 1963.